

# CID TELXEIRA

Há cerca de quatro anos, em maio de 1978, escrevíamos, neste mesmo espaço gráfico que:

“De quantos sítios, nesta cidade do Salvador, merecem respeito dos munícipes e especial atenção do poder público, certamente nenhum ultrapassa, em méritos, o de Pirajá.

Afinal, lá é que estão os cerros da Bahia, onde o anjo da morte, pálido, cosia uma vasta mortalha, enquanto se travava a batalha decisiva de 8 de novembro de 1822.

Pirajá, com sua privilegiada situação topográfica, seus rios e suas terras, é presença da história da Bahia desde os primeiros tempos da ocupação regular do solo na periferia da cidade ainda no século XVI”.

Ressaltávamos o óbvio sabido e ressabido por qualquer pessoa de mínima informação sobre esta terra. Ressaltávamos, então, que a idéia da criação de um parque nacional da independência não era nova e só aguardava a sensibilidade de algum governante para se transformar em realidade. Falávamos da criação, em setembro de 1857, da “Sociedade Pirajá” dirigida por Baltazar Bulcão, João Gualberto dos Passos, Agrário de Menezes e outros, destinada a resguardar o sítio histórico e promover a criação do parque.

Conquanto a idéia não prosperasse de imediato, nem por isto morreu. Ganhou corpo, sobretudo, com a transferência dos restos mortais de Pedro Labatut para a Igreja de Nossa Senhora da Piedade, lá situada. A “romaria a Pirajá”, feita todos os anos dentro do programa do Dois de Julho fez, tacitamente, o parque que, por sua beleza natural chegava mesmo a dispensar maiores tratamentos paisagísticos.

Algumas sóbrias indicações didáticas e o aplainamento de alguns caminhos para a circulação interna seriam bastantes. E, não mais do que isto, foi proposto em 1949, durante o primeiro congresso de História da Bahia pelo historiador Mons. Manoel de Aquino Barbosa.

E antiga, pois, a idéia do Parque da Independência. E foi esta mesma idéia que, há cerca de oito anos passados, voltou à tona quando era prefeito de Salvador o Sr. Clériston Andrade. Fomos, então, convidados por S. S. Senhorina para participar dos planos de aproveitamento histórico-cultural da área, quando tivemos oportunidade de elaborar um texto alusivo que, com as plantas de aproveitamento paisagístico feitas pela arquiteta Arilda, se constituíram no “projeto” do Parque.

Cuidávamos, então, da importância do sítio já referida desde os primeiros textos. Desde Gabriel Soares de Souza que o descreve com riquezas informativas:

“... uma formosa vista de três engenhos de açúcar e muitas outras fazendas mui formosas de vista para o mar e no cabo do salgado se mete nele uma formosa ribeira de água que moi um engenho de S. Magestade que ali está feito com uma igreja de S. Bartolomeu, freguesia deste limite, o qual engenho anda arrendado em seiscentas e cinquenta arrobas de açúcar branco cada ano. Pelo sertão deste engenho meia légua dele, está outro de Diogo da Rocha de Sá que moi com outra ribeira o qual está muito ornado de edificios com uma igreja de S. Sebastião muito bem concertada”.

E se vai o cronista falando no engenho de João de Barros Cardoso e sua ermida de Nossa Senhora da Encarnação, a “casa de coser neles”

de Antônio Nunes Reimão e o engenho de Leonor Soares, mulher de Simão da Gama de Andrade, famoso homem da Bahia do primeiro século.

Como se já não fosse bastante esta ancestralidade, lá está, sobrelevando importância, o sítio da Independência. Vindo de uma estrutura miliciana de nenhuma integração, o processo armado brasileiro ali, pela primeira vez, conhece a “disciplina militar prestante”.

Não é só — e já seria justificativa — o batismo de fogo do jovem que seria o Duque de Caxias. É a própria estrutura do exército que, ali, nasce. Pela primeira vez fala-se, com lógica e pertinência a linguagem da estratégia: Brigada da esquerda, da direita e do centro. É Pedro Labatut trazendo a experiência das garras napoleônicas e aplicando-a, aqui, em Pirajá, na freguesia de São Bartolomeu.

A configuração geomorfológica fez de Pirajá o limite natural da sede do governo da cidade, embora juridicamente o seu “termo” fosse até o rio Joannes. Ali terminava a cidade “portuguesa” em sua maneira de ser e, em 1822 resistente à idéia da independência; ali começava o “reconvaco baiano” com todas as suas peculiaridades culturais”.

A tomada da posição pelo “Exército Pacificador” implicava no sítio da Cidade e na sua rendição, tanto mais quanto seus acessos marítimos já estavam dominados por Lord Cochrane.

A batalha, como jovem Caxias ou com o “íphito Ribeiro” já sexagenário e dirigindo a cavalaria dos brasileiros com a experiência de Labatut e com o entusiasmo dos comandantes do Recôncavo, tem algo de sagrado para o processo histórico cultural da Bahia. E o sítio é o seu testemunho.

Agora, logo mais, tudo isto vai se acabar em uma forma realmente sui generis de ocupação do solo que, ao que se saiba não tem similar: a “invasão patrocinada”. É claro que os dicionários e os manuais de retórica estão aí. Tudo isto e mais o “sociologuês” vigente encontra magníficas salidas que tudo justificam e, até, são capazes de conduzir para o aplauso a solução, na realidade tomada à base de dois tristes ingredientes: medo de povo e insensibilidade cultural.

É a versão popularesca do que sucedeu, há poucos anos, em nível granfino com o Morro do Conselho no Rio Vermelho. Basta ler a lei. Não é nem preciso aduzir argumentos históricos. Ali, como em Pirajá tudo está dito sobre a condição de área “non aedificandi”.

E daí? Se é preciso estar bem com as pressões exercidas, esqueça-se a lei. E faça-se o loteamento. Para ricos aqui ou para pobre ali, isto é simples detalhe.

É como se alguém resolvesse lotear o campo de Gettysburg para resolver um problema de habitação ou o campo de Aiacucho para atender à demanda populacional.

começa-se agora a acabar com a esperança do Parque da Independência. E, se a esquecemos é porque não merecemos tê-la. E, quem sabe se no fundo no fundo não é este o propósito inconsciente?

E a Ode O Dois de Julho que era um canto de glória, por ato da administração municipal está transformada em canto funebre. Em “Requiem” para os cerros da Bahia.